

Lauren Crichton

Um espelho da imaginação humana

A busca da humanidade por compreender seu lugar no universo não tem limites. Em nove breves minutos, acabamos de viajar por anos-luz de tempo e espaço, dentro de uma máquina do tempo — que também era um espelho. Um espelho belamente construído para refletir o alcance extraordinário da imaginação humana.

A capacidade humana de criar conhecimento, acumulá-lo e desenvolver ferramentas que gerem ainda mais conhecimento é a nossa característica definidora. É a base do progresso.

Com a inteligência artificial, inventamos uma tecnologia que tem o potencial de transcender os limites do conhecimento produzidos por nossos cérebros biológicos — e as consequências disso podem ser extraordinárias.

Já no próximo ano, poderemos ter sistemas de IA mais inteligentes do que ganhadores do Prêmio Nobel, em diversas áreas — da biologia e programação à matemática, física, engenharia e além.

Esses sistemas terão acesso a todas as interfaces disponíveis para um humano trabalhando em ambiente virtual: texto, áudio, vídeo, controle de mouse e teclado, acesso à internet. Qualquer ação ou operação remota que essas interfaces permitam, o sistema de IA poderá realizar. Como receber conselhos de humanos, projetar e programar novos produtos, conduzir e analisar experimentos — e muito, muito mais.

Tarefas que antes levariam horas ou até semanas para serem concluídas poderão ser realizadas de forma autônoma, como faria um funcionário inteligente. Ele pode até voltar para pedir esclarecimentos, ou mesmo delegar partes do trabalho a instâncias especializadas de si mesmo — que podem ser geradas infinitamente.

Dario Amodei descreveu esse tipo de IA como “um país de gênios dentro de um data center”.

Alguns anos atrás, muitos de nós nesta sala talvez considerássemos essa afirmação de Amodei um exagero grotesco. Quantos de nós ainda pensam assim hoje?

Dá pra sentir a mudança no ar. Está tudo começando a parecer muito mais real, não é?

E com essa nova realidade, os riscos aumentam.

O estado da IA em 2025: caos generalizado

Pense no que aconteceu só no começo deste ano.

O Projeto Stargate, a Ordem Executiva 14179, o “último exame da humanidade”, a produção dos chips Blackwell da Nvidia na unidade da TSMC em Phoenix — apenas meses depois de uma perda de valor de mercado de 589 bilhões de dólares, após o lançamento do Deepseek R1. Foi a maior perda já registrada na história da bolsa dos Estados Unidos.

A China registrou 300.510 patentes de IA em 2024, contra 67.773 dos EUA — um dado que evidencia uma verdadeira corrida global por propriedade intelectual, que continua neste ano.

Nos bastidores, está se desenhando um conflito na cadeia de suprimentos, à medida que cada player tenta maximizar seus lucros enquanto reduz o risco de demanda futura em IA.

As big techs estão absorvendo esse risco, com uma previsão de **CAPEX de 320 bilhões de dólares em 2025** (CAPEX = capital expenditure, ou despesa de capital, o investimento em infraestrutura e ativos de longo prazo), contra 246 bilhões em 2024 e 151 bilhões em 2023.

Enquanto isso, empresas da chamada **camada de fundição** (as que fabricam os chips) estão tentando subir na cadeia de valor — numa tentativa de aumentar sua fatia de mercado e reduzir o risco de competição nos níveis mais baixos da cadeia. Um bom exemplo disso são os lançamentos recentes da OpenAI, como o **Operator**, ou o rumor da aquisição de 3 bilhões de dólares da ferramenta de autocompletar código, **Windsurf**.

Tudo isso para dizer o seguinte:

As fundações do ecossistema da IA estão se solidificando.

Os modelos estão avançando.

As tensões geopolíticas estão se intensificando.

Este é o **estado da IA em 2025**:

caos geral artificial.

E gostemos ou não, o jogo prestes a acontecer em campo vai mudar dramaticamente.

Como vamos responder a isso?

Ampliar a perspectiva, recuperar o senso de possibilidade

E se a resposta fosse, literalmente, uma questão de perspectiva?

Se ampliássemos o olhar para além de Erik Eriksson-Hallen, para além de Estocolmo, da Suécia, da Europa...

Se olhássemos para nós mesmos de uma distância cada vez maior — lembraríamos o quanto ainda nos resta descobrir. O quanto de conhecimento ainda não foi criado.

A IA pode nos ajudar a chegar lá.

Uma parte significativa da inovação é **combinatória**: mais da metade dos vencedores do Prêmio Nobel tinham dois ou mais diplomas em áreas acadêmicas diferentes.

Modelos de linguagem podem nos ajudar a criar analogias entre domínios, romper silos profissionais e decodificar especificações de pesquisa complexas.

A transição da IA como ferramenta de acesso ao conhecimento humano para a IA como **criadora autônoma de conhecimento** seria uma mudança sísmica.

Por isso, o chamado à colaboração interdisciplinar — entre filósofos, pesquisadores, engenheiros, artistas, líderes, formuladores de políticas, educadores — nunca foi tão urgente.

É justamente para isso que serve o **Sana AI Summit**.

É por isso que reunimos todos vocês aqui:

Para que saiam dos seus silos profissionais.

E considerem o impacto dessa tecnologia transformadora a partir de múltiplos pontos de vista.

Porque, se essa é a nossa chance no mundo — a nossa chance de viver uma era dourada

então que a abracemos.

Mas que a abracemos **do jeito certo**.